

PODE REPETIR?!

Quandos os museus escolhem a
alienação responsável

Agradeço desde já ao Dr. Luís Raposo o desafio lançado, a partir de uma troca de emails, para organizar, com a Maria Vlachou, estas Jornadas.

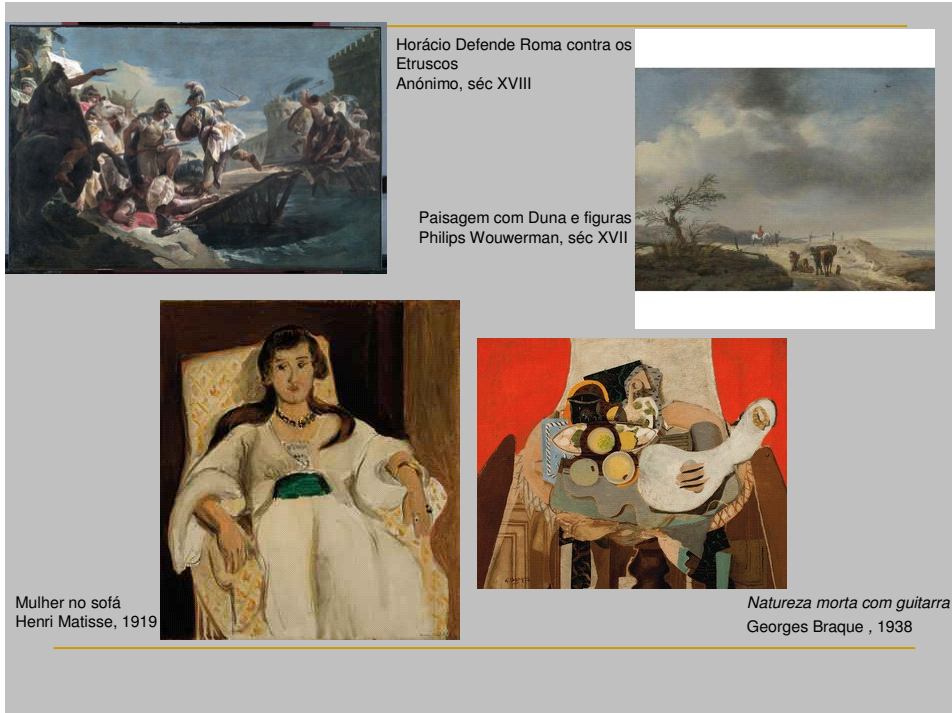
Esta comunicação resulta de um argumento interior sobre que tom trazer para este dia. Por um lado, o anjo no meu ombro direito dizia-me para abordar um tema optimista, positivo, que mostrasse uma estratégia de sucesso – como o voluntariado. Por outro, o diabo no meu ombro esquerdo sussurrava-me para abordar um tema menos consensual, que suscitasse um verdadeiro debate e nos fizesse pensar mais além. Cedi à tentação.

Esta comunicação vai focar-se nos exemplos dos museus de arte, e poderá ser vista com particular aplicação para os museus públicos. No entanto, penso que outros tipos de museus aqui presentes poderão aqui encontrar pontos de interesse. O que vou dizer alicerça-se sobretudo na minha experiência profissional e nas minhas observações pessoais.

Museus e Sustentabilidade Financeira

Jornadas ICOM, Museu Nacional de Arte Antiga 7 de Novembro

Sessão: Caminhos para a Sustentabilidade



No início deste ano, a Sotheby's de Nova Iorque, levou a leilão 32 pinturas provenientes do Cleveland Museum of Art e 15 oriundas da colecção do Getty Museum. Para o Museu de Cleveland esta venda resultou na angariação de 1.8 milhões de dólares; para o Getty, 3,7 milhões.

Na Christie's em Londres, também este ano, a Pennsylvania Academy of Fine Arts levou a martelo 5 pinturas, e o Art Institute of Chicago separou-se de dois Picassos, um Matisse, e um Braque.

Estes museus procederam à alienação de património sem por isso pôr em causa a relação de confiança estabelecida entre a instituição e o seu Público – nem o projecto cívico, para usar a expressão do Dr. Luis Raposo, que um museu constitui.

As razões apresentadas pelos responsáveis de museus pela alienação deste património prendem-se, primeiro, com a necessidade de reexaminar as suas colecções – segundo David Franklin, director do Cleveland Museum “devemos refinar e malhorar as nossas colecções, e já informei os conservadores que considero a alienação um acto normal”.

Museus e Sustentabilidade Financeira

Jornadas ICOM, Museu Nacional de Arte Antiga 7 de Novembro

Sessão: Caminhos para a Sustentabilidade



Les Femmes d'Alger (O Version O), 1907
Pablo Picasso
MoMA

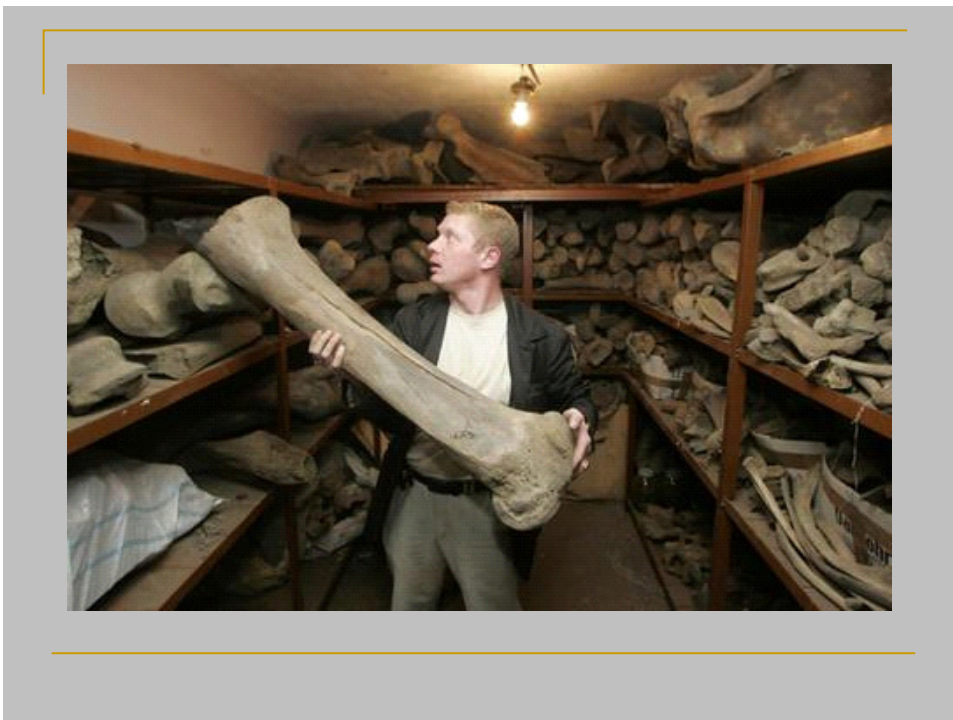
Prendem-se, em segundo lugar, com a necessidade de adquirir novas obras, que reflectam mais adequadamente a missão do museu – e de financiar essa aquisição através da venda de peças, que, por serem repetidas, de menor qualidade ou já não representarem a missão do museu, se tornam, ainda nas palavras de Franklin “um luxo manter”.

Assim, para financiar a aquisição das Femmes d'Alger, de Pablo Picasso, por 24.000 dólares, o MoMA vendeu um Degas por 18.000 dólares, em 1937. O restante foi pago poradores particulares.

Museus e Sustentabilidade Financeira

Jornadas ICOM, Museu Nacional de Arte Antiga 7 de Novembro

Sessão: Caminhos para a Sustentabilidade



Trata-se, finalmente, para as instituições de se separarem de peças cujos custos de manutenção, conservação preventiva e armazenamento, por razões várias, não se justificam, perante o seu potencial reduzido em termos de investigação, interpretação e exposição ao público.

Aqui vemos as reservas do Museu da Idade do Gelo em Moscovo.

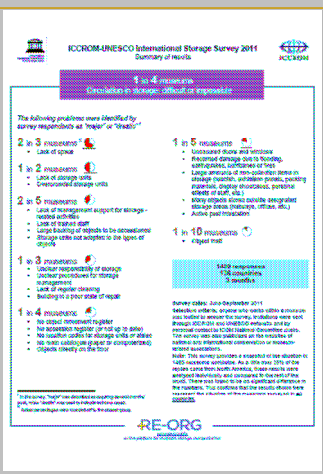
Museus e Sustentabilidade Financeira

Jornadas ICOM, Museu Nacional de Arte Antiga 7 de Novembro

Sessão: Caminhos para a Sustentabilidade

Quanto custa ter um objecto em reserva?

→ Qual a lógica de guardar objectos que vão para lá da nossa capacidade, a médio e longo prazo, de lidar com eles?



Se as duas primeiras questões estão intimamente ligadas à missão de um museu; ao modo como o museu se vê a si próprio e como vê a sua obrigação perante o público, já este terceiro motivo nos remete para o custo escondido dos museus que são as reservas.

Com efeito, quantos de nós podem anunciar com confiança o custo anual de armazenamento de uma peça? Em Portugal, não conheço exemplos. Mas lembro-me do director financeiro da Frick Collection em Nova Iorque, indicar que esse custo, naquela instituição, se elevava a 80\$ anuais por objecto.

Para uma verdadeira sustentabilidade financeira é essencial a qualquer estrutura conhecer estes custos operacionais. E a maioria de nós não consegue ainda responder a esta primeira questão. O que, tendo em conta a situação deficitária dos museus em termos de espaço e financiamento de áreas de reserva, se torna ainda mais difícil de compreender.

Vemos aqui um pdf que apresenta os resultados sumários de um inquérito recente sobre as condições das reservas em museus de todo o mundo, levado a cabo pelo o ICCROM-UNESCO.

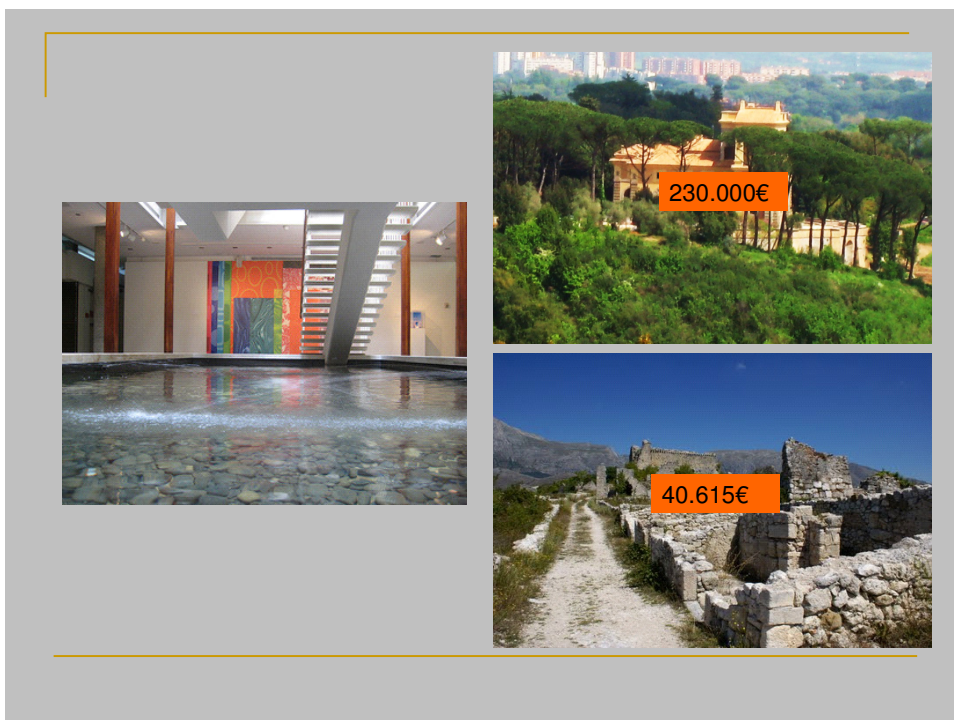
Talvez depois de sabermos essa informação, possamos responder a esta segunda questão:

Qual a lógica de guardar objectos que vão para lá da nossa capacidade, a médio e longo prazo (esta questão nunca se deve colocar a curto prazo, por razões óbvias), de lidar com eles?

Museus e Sustentabilidade Financeira

Jornadas ICOM, Museu Nacional de Arte Antiga 7 de Novembro

Sessão: Caminhos para a Sustentabilidade



Estas considerações sobre a alienação do património – apurar uma colecção; aquisição de novas peças; gestão do espaço de reservas – estão hoje sujeitas a um novo factor, que transcende os museus, mas lhes dita o futuro: a crise financeira, e a subsequente intervenção de governos, tutelas, e agências na área cultural, procurando património para alienação. Não para melhorar as condições de gestão e a oferta cultural dos museus, mas para pagar dividdas do estado que em pouco ou nada se relacionam com os museus e/ou o património.

Nos EUA, o caso mais recente prende-se com o Rose Art Museum, da Universidade Brandeis (Waltham Massachussets), que colocou a hipótese de vender o seu património para pagar contas correntes da Universidade. Este plano foi abandonado face à atenção meddiática e à pressão e reprovação público que este plano recebeu.

Em Itália, a lista de património alienável, constituída desde 2002 pelo Ministério da Economia e por agências regionais e autarquias, resultou na venda da Villa Manzoni em Roma por 230.000€ e, a sul, na colocação à venda do campo arqueológico Alba Fucens – por 40.615 €. Uma cidade romana por €40.000. Os fundos angariados destinavam-se para pagar a dívida, e não para melhorar a oferta cultural e educativa.

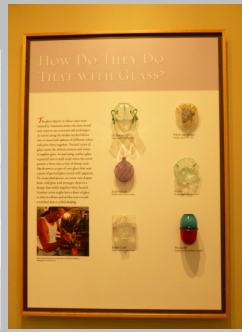


A combinação destes diferentes factores leva-me a crer que é altura de os museus, em Portugal, prepararem uma estratégia para a alienação responsável de património, antes que outros a preparem por eles. Esta estratégia deve acima de tudo privilegiar a transparência, e o consenso, de modo a que não destrua a confiança que a opinião pública tem nos museus, na sua isenção e no seu papel na preservação da memória – nem traia o investimento emocional passado e presente do público no museu enquanto projecto cívico.

A alienação de património, por qualquer um destes meios, não é apenas uma ferramenta de gestão de colecção para uma contenção de custos.

Financiamento dirigido a:

- Aquisição de novas peças
- Conservação & restauro
- Materiais e actividades educativas de continuidade



A alienação por venda permite a criação de um fundo exclusivo para aquisições – o que significa que, até em tempos de vacas magras, será possível aos museus continuarem a enriquecer as suas colecções.

Permite também investir no tratamento e conservação de peças vitais para o museu.

Finalmente, e este é um tema que tem sido pouco alvo de atenção, a alienação de peças para outros departamentos, nomeadamente os serviços educativos, permite a criação de, entre outros, colecções de toque ou demonstradores de materiais, técnicas, texturas, etc. Aqui vemos a parte da colecção de toque do Metropolitan Museum of Art – nestes casos, a expectativa é que a degradação do objecto ocorra, em virtude da sua função, a um ritmo mais acelerado. À esquerda, no Museu de Arte Americana em Washington, vemos um demonstrador de técnicas de vidro, em que os visitantes são encorajados a tocar nas peças.



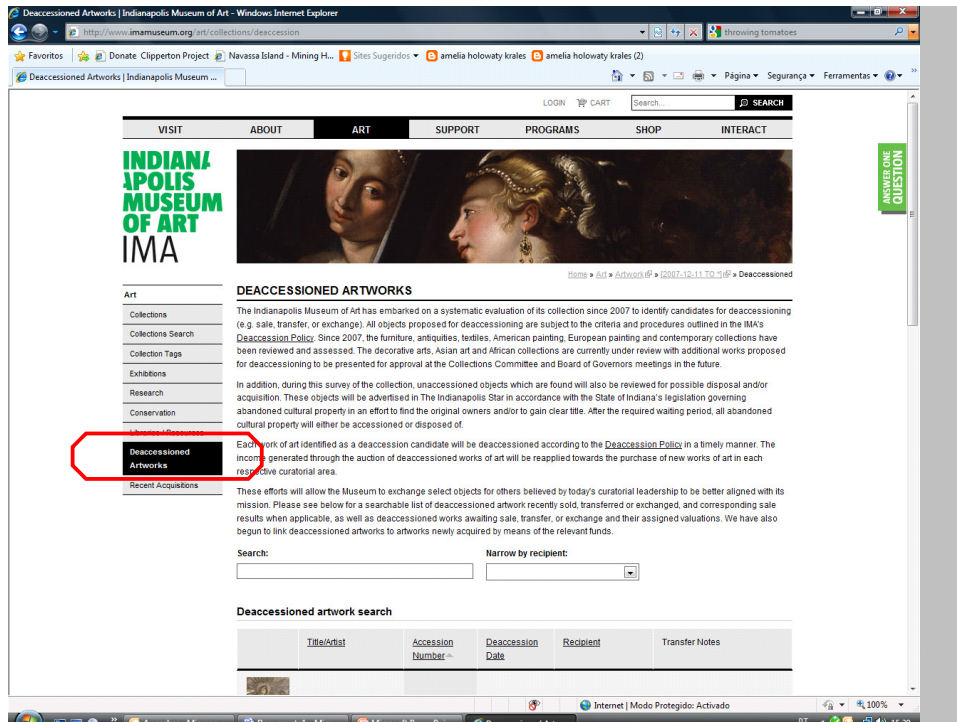
Mas a alienação responsável não pode acontecer sem um debate interno sobre as questões patrimoniais, legais e éticas a ter em conta – relembro que se trata acima de tudo de o museu levar a cabo o seu dever perante o público, mantendo a sua capacidade de inovação e de questionamento – de si próprio, e junto do visitante.

Assim, a transparência torna-se no valor essencial para garantir uma estratégia de alienação responsável – e nesta área, as novas tecnologias, e em particular os websites, constituem uma mais-valia inestimável.

Museus e Sustentabilidade Financeira









Jornadas ICOM, Museu Nacional de Arte Antiga 7 de Novembro

Sessão: Caminhos para a Sustentabilidade



Um dos museus pioneiros na implementação de uma política de transparência é o Indianapolis Museum of Art (54.000 peças na coleção; orçamento operacional 33 milhões de dólares; 355 funcionários). O website do museu tem uma secção dedicada à alienação, onde lista todos os objectos alienados, o motivo da sua alienação e o seu valor de venda estimado, ou obtido.

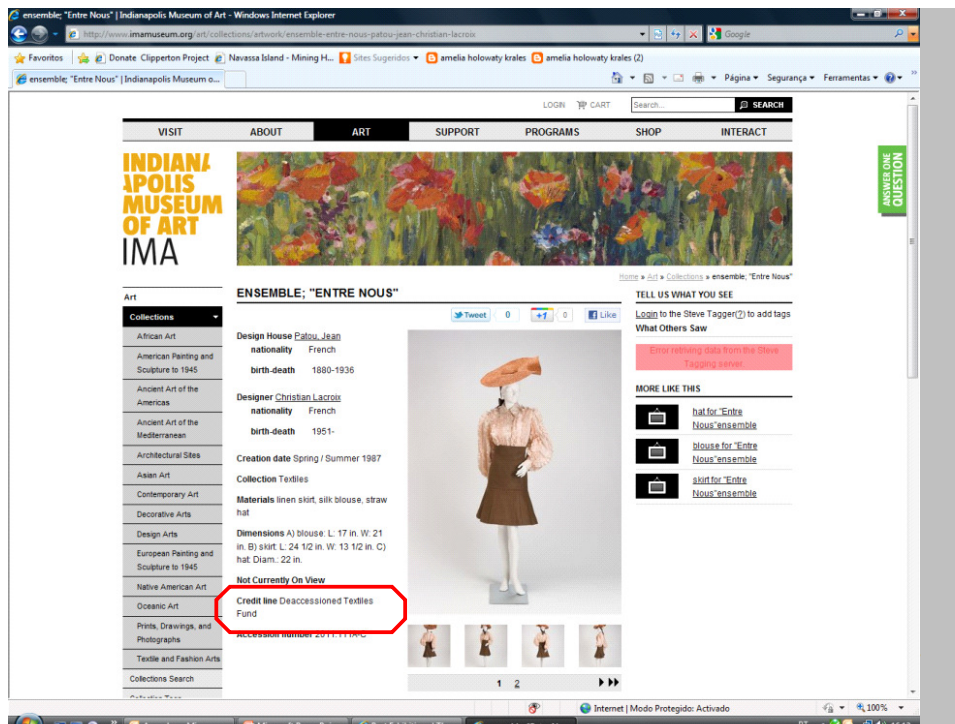
The screenshot shows a detailed view of the 'Deaccessioned Artworks' table on the IMA website. The table lists various artworks with their titles, accession numbers, deaccession dates, recipients, and transfer notes. The data is as follows:

Title/Artist	Accession Number	Deaccession Date	Recipient	Transfer Notes
 quimper	S0896.75.161	06/18/2008	Charles A. Whitaker Auction Company	Sold on 5/1/2009 - 5/3/2009 (Lot 9413)
 dicke	S0896.75.162	06/18/2008	Charles A. Whitaker Auction Company	Sold on 5/1/2009 - 5/3/2009 (Lot 9413)
 nightown	S0896.75.163	06/18/2008	Charles A. Whitaker Auction Company	Sold on 5/1/2009 - 5/3/2009 (Lot 720)
 hat	S0896.75.229	06/18/2008	Charles A. Whitaker Auction Company	Sold on 5/1/2009 - 5/3/2009 (Lot 9413)
 hat	S0896.75.263	06/18/2008	Charles A. Whitaker Auction Company	Sold on 5/1/2009 - 5/3/2009 (Lot 9413)
 medallion	S3017.79.2	06/18/2008	Charles A. Whitaker Auction Company	Sold on 5/1/2009 - 5/3/2009 (Lot 9413)
 collar fragment	S3017.79.3	06/18/2008	Charles A. Whitaker Auction Company	Sold on 5/1/2009 - 5/3/2009 (Lot 9413)
 sdraga	15.58	05/22/2008	Charles A. Whitaker Auction Company	Sold on 5/1/2009 - 5/3/2009 (Lot 9413)

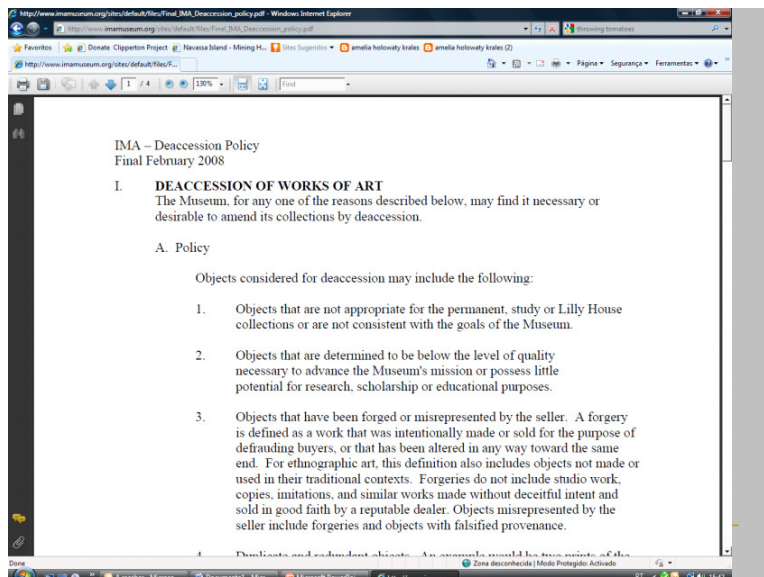
Museus e Sustentabilidade Financeira

Jornadas ICOM, Museu Nacional de Arte Antiga 7 de Novembro

Sessão: Caminhos para a Sustentabilidade



Do mesmo modo, novos objectos adquiridos pela venda de parte da colecção são especificamente identificados.

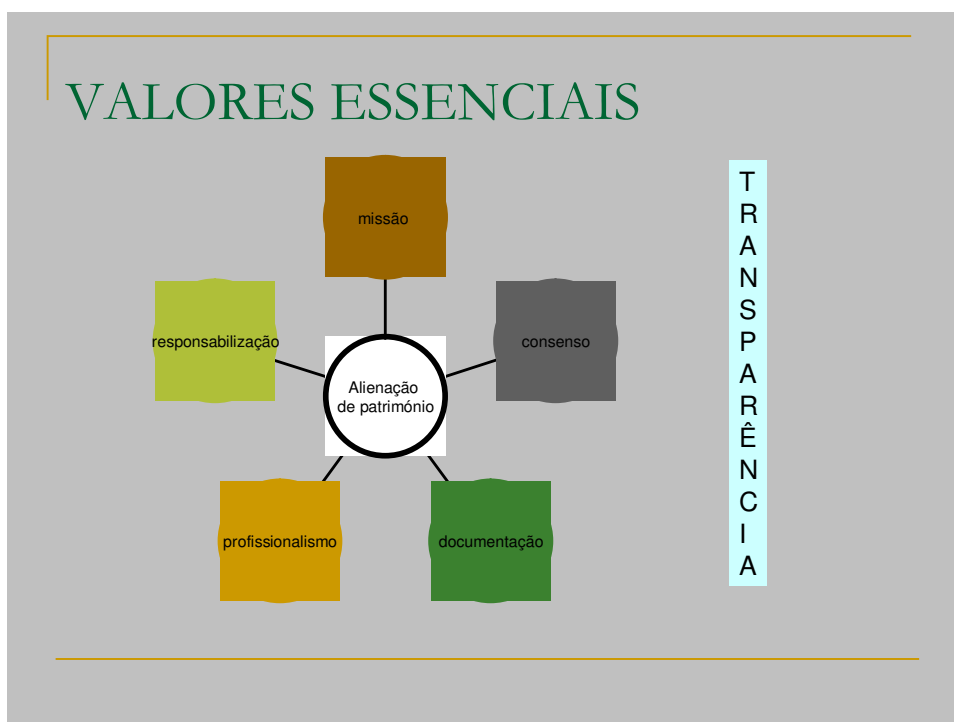


E, caso permaneçam dúvidas, a política de alienação do museu está disponível online para consulta. Para o seu director este sistema promove a confiança do público e acalma eventuais suspeitas de um procedimento pouco ético ou obscuro por parte da instituição.



Em comparação, a leitura da página do website do M.N.A.A. sobre uma das suas mais recentes e mais alardeadas aquisições, a *Descida da Cruz* de Tiepolo, em nada informa sobre a origem dos fundos para a sua aquisição – parte do valor do seguro das jóias da Coroa roubadas em Haia. Obviamente tratou-se neste caso de uma “alienação” forçada. Mas o MNAA, e o Ministério da Cultura, perdem aqui uma oportunidade de demonstrarem, junto da opinião pública, que os fundos recebidos – ou pelo menos 1.5 milhões de euros, não foram gastos em custos correntes – foram sim investidos na aquisição de um objecto e no enriquecimento da colecção.

Não quero com isto dizer que “só em Portugal” e “nunca na América”. O MoMA, por exemplo, também não indica a proveniência dos fundos para a aquisição das *Demoiselles d’Avignon*.



De novo, a transparência deste processo é o elemento-chave.

Por um lado, evita a percepção de que o museu trabalha para dentro, sem ter em conta os seus interessados. Por outro, reforça a ligação do museu junto da sua comunidade, e, no caso da intervenção de terceiros, permite justamente que a mesma comunidade, ao invés de julgar o museu “esbanjador e elitista”, o defenda, precisamente porque tem acesso e está familiarizada com os seus mecanismos.

Volto ao princípio – estamos numa época de mudança, e não tenho dúvidas de que, muito em breve, os museus se verão postos perante escolhas que nunca anteciparam. A preparação de uma estratégia de alienação responsável, com processos de decisão pré-estabelecidos, não só poderá prevenir intervenções de instituições que pouco sabem, e muito podem, como poderá também constituir uma hipótese de reestruturação da colecção, de melhoria da sua oferta cultural, e da continuação da sua missão, que para mim, permanecerá sempre a educação para a cidadania.

Imagens

- Sotheby's
- Christie's
- Museum of Modern Art
- Sydney Morning Herald / Reuters
- ICCROM
- Brandeis University
- Panoramio.com
- LA Times
- NY Times
- Inês Fialho Brandão
- Indianapolis Museum of Art

Inês Fialho Brandão

Mestre em Museologia e Estudos Islâmicos pela New York University. Licenciada em História e História de Arte pela Universidade de Edimburgo. Desde 2010, é Responsável pelo Farol Museu de Santa Marta; e Técnica Superior da Câmara Municipal de Cascais desde 2008, onde comissariou exposições e concebeu programas educativos transversais aos museus municipais. Desempenhou funções no Metropolitan Museum (2002), Brooklyn Museum (2000- 2003), Museu Nacional de Arte Antiga (2003-2005). Foi Responsável pela programação das Galerias Fotográficas Fnac (2005-2007). Recentemente, comissariou duas exposições para a Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves (2007; 2010). Em Janeiro de 2012, iniciará o seu programa de Doutoramento em História na Universidade Nacional da Irlanda.